

Balanço do Ensaio Literário 2018

Associação Portuguesa de Críticos Literários

A apresentação que agora faço do ensaio literário publicado em 2018 refere-se a pouco menos de duas dezenas de títulos, tendo sido difícil o seu apuramento e, como tal, falível pela deficiente divulgação deste género nos *media*. São obras que correspondem, quase na íntegra, a trabalho de investigação em centros universitários de onde vem, já se sabe, o financiamento para as edições. Acresce ainda o facto de este ser um domínio em que o livro impresso dá conta limitada do conjunto da actividade ensaística, se tivermos em linha de conta o relevo das revistas, em particular, as de suporte digital, nacionais e internacionais, e dos *ebooks*. Para aí são remetidas áreas minoritárias de estudo, de nicho mesmo, que dificilmente têm expressão na forma de livro impresso, como sejam as literaturas estrangeiras e a literatura portuguesa anterior ao século XIX.

A qualidade média destes ensaios é muito elevada e, no entanto, lamentavelmente, a sua circulação e absorção é escassíssima, nomeadamente junto de quem ensina Português no Ensino Básico e Secundário, não obstante os programas escolares incluírem autores e textos literários. Por este meio se confirma um acantonamento social da crítica, da literatura e, de forma genérica, do pensamento crítico e humanístico.

No conjunto de títulos seleccionados predominam estudos sobre literatura portuguesa moderna e contemporânea — com óbvio prejuízo da laboração e fixação da memória literária mais antiga — e o viés metodológico da Literatura Comparada. Daí a multiplicação de estudos inter-artísticos, da reflexão cultural sobre a literatura e de uma recorrente perspectiva trans-histórica e transnacional sobre o objecto literário.

É, antes de mais, o caso de *Identidades em Trânsito* (Húmus), organizado por Fernanda Mota Alves, Gerd Hammer e Patrícia Lourenço, que explora a viagem-migração como tema da memória cultural e fenómeno social contemporâneo implicado no processo de globalização, com impacto determinante na configuração das identidades. Não admira, por isso, que o conjunto de artigos (resultantes de um colóquio) explore como matéria de estudo o cânone literário europeu, desde Homero até à poesia contemporânea portuguesa, ou o tópico da deportação em massa, assim como o romance africano, a literatura indo-europeia e pós-colonial de língua inglesa.

Na mesma linha, se situam dois volumes editados pela Afrontamento. Antes de mais, *Espacialidades: Revisões do Espaço na Literatura*, organizado por Ana Paula Coutinho, Jorge Bastos da Silva, Maria de Fátima Outeirinho, Gonçalo Vilas-Boas e Maria Hermínia Amado Laurel. O volume plurilíngue, que reúne contributos de prestigiados ensaístas portugueses e estrangeiros, faz uma “revisitação teórico-crítica da problemática espacial nos textos literários, assente numa perspetiva permeável de geopoética”. Assim pretende compreender os pressupostos da relação com o real e da criação literária : ajustável a epistemologias e metodologias diversas, entre a poética, a

retórica, a ética e a geografia, e mobilizadora de uma ideia de “transculturalidade”, cujas componentes político-sociais e culturais se traduzem, no tempo contemporâneo, nos motivos da mobilidade e da porosidade entre fronteiras e em *topoi* literários (como a cidade e o mar ou cartografia e utopia) que pela linguagem habitam e imaginam os espaços humanos. Por seu lado, *Anglolutofilia. Alguns Trânsitos Literários*, de Jorge Bastos da Silva, segue a trilha diacrónica de intelectuais portugueses que, entre os séculos XVIII a XXI, mostraram interesse pela cultura britânica e nela colheram influências para a escrita e para a intervenção político-cultural, como sejam a Marquesa de Alorna, Almeida Garrett, Alfredo Possolo Hogan, João Penha, João Medina, entre outros.

Passo agora a três obras que declaradamente exploram a memória literária, de respiração longa no tempo. Em primeiro lugar, o ensaio-biografia *Goethe, o Eterno Amador* (Bertrand), de João Barrento, que acompanha a linha de vida e de criação daquele autor alemão cuja pluralidade camaleónica favoreceu a sua condição de grande escritor burguês e de epicentro da mudança e da herança cultural e literária, na aurora da modernidade. A leitura de Goethe é feita, de resto, enquanto clássico no pressuposto de que “é preciso ler o que não se entende, para se entender o que se pode ler”.

Segue-se um livro escrito a duas mãos (Ricardo Gil Soeiro e José Pedro Serra), em torno da voz e do pensamento de um intelectual marcante da contemporaneidade ocidental, já tratado numa obra colectiva organizada por Ricardo Gil Soeiro, em 2009. *George Steiner. Das Cinzas do Silêncio à Palavra de Fogo* (CEC-Exclamação) compõe-se, no essencial, de ensaios dos dois autores em alternância e de uma entrevista a Steiner. O propósito é o de conhecermos o seu pensamento sobre a nossa matriz clássica e o papel da literatura e do seu ensino como “um comprometido mergulho na poderosa argila da vida” humana, congregando os sentidos de luz humanista e trágica.

E, por fim, um estudo multidisciplinar e comparatista que comemora os 500 anos do *Cancioneiro Geral: Arte Poética e Cortesia. O Cancioneiro Geral Revisitado* (Colibri), com coordenação de Ana Maria Machado, Hélio J. S. Alves, Luís Fardilha e Maria Graciete Silva. Uma leitura atenta dos vários colaboradores do livro sobre um objecto cultural e literário maior e de charneira, no limiar da Era Moderna.

A este grupo de ensaios deve ainda acrescentar-se *Novas Andanças do Pícaro* (Afrontamento), cujos editores são Carlos Miguel Mora e Paulo Alexandre Pereira. O conjunto de artigos tomam o pícaro como arquétipo da itinerância e da construção vital e organiza as suas múltiplas análises em função da cabeça da linhagem peninsular quinhentista que é *Lazarillo de Tormes*. No “processo de irradiação diacrónica e diatópica”, fixam-se expressões diversas da neopicaresca, patente na literatura portuguesa clássica, romântica e neo-realista, na literatura espanhola e latino-americana contemporânea mas também na circulação transmediática do imaginário picaresco.

Na *safra* ensaística de 2018 é também inequívoca a importância de duas linhas de investigação: por um lado, o diálogo entre poesia e imagem e, por outro, os estudos

sobre o modernismo, em particular sobre a obra pessoana. Em ambos os casos, confirma-se o fruto sazonado de um trabalho crítico, filológico, reflexivo, levado a cabo ao longo de décadas por ensaístas cada vez mais articulados na rede de grupos de investigação. Assim se tornaram centrais, no campo crítico português, as temáticas acima referidas e também, como já o disse antes, o ângulo comparatista que tem complexificado e enriquecido, em diálogos artísticos e culturais os mais diversos, a leitura da literatura portuguesa.

Vejamos, então, a esfera da pesquisa que torna intercomunicantes poesia e imagem na obra monumental de Mário Avelar, *Poesia e Artes Visuais. Confessionalismo e Ecfrase* (IN-CM), para a qual se convoca matéria literária de língua inglesa e portuguesa. O encontro estético entre palavra e imagem — cujas origens remontam à Antiguidade greco-latina e com sucessivas fontes de desafio na arte recolhida em museus e galerias (pintura, fotografia, escultura, arquitectura e publicidade) — é entendida não apenas como exercício intertextual mas como prova da intermedialidade. Esse encontro interartístico é essencial para se conhecer a configuração evolutiva do sujeito poético, a sua reflexão ontológica, o pensamento sobre arte e tempo histórico. Jorge de Sena é, a justo título, um dos poetas que mais merecem análise no exercício fulgurante da écfrase, a que não é alheia a sua sólida cultura clássica e anglo-saxónica.

Joana Matos Frias, publicou, em 2018, a versão revista da sua tese doutoramento, em dois volumes, sob o título *O Murmúrio das Imagens I. Poéticas da Evidência* e *O Murmúrio das Imagens II. Modos de Ver (em) Ruy Cinatti* (Afrontamento). Valeu-lhe, aliás, com toda a justiça o Grande Prémio APE Ensaio. No volume I encontramos um estudo de enorme consistência teórica e histórico-literária sobre a relação multissecular imagem-poesia, desde as origens clássicas até ao surrealismo. É com base nele que o volume II analisa, de forma aguda e sólida, o “cine-olho do poeta” Ruy Cinatti, o carácter vívido e fluido das imagens-movimento do verso; ou seja, a condição da imagem engendrada pela translação do olhar no espaço, num tempo de cisão entre as artes do espaço e do tempo que o cinema introduziu no século passado.

Não por acaso, partilhando com Joana Matos Frias o mesmo centro de investigação, o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (FLUP), e a mesma editora, a Afrontamento, Rita Novas Miranda, lançou *Modos de Ver, Modos de Escrever. Da Imagem e da Escrita em Herberto Helder e Jean-Luc Godard*. Neste livro é explorado o “paralelismo disjuntivo” entre a poesia e o cinema de um poeta e de um realizador coetâneos. Uma *mise-en-abyme* que desdobra na produção artística de ambos o poema em filme e o filme em poema. Herberto Helder, na esteira na tradição antiga de poeta visionário, entende o poema como um filme, como pletora de vozes, imagens e sentidos. Godard escolhe o cruzamento inter-artístico que integra (não apenas) a poesia, ao mesmo tempo que desenvolve um trabalho e um pensamento poéticos de cinema.

A propósito da escrita visionária (viva, sanguínea, ígnea) de *Photomaton & Vox e Cobra*, há que salientar Manuel Frias Martins em *Herberto Helder. Um Silêncio de Bronze* (Vega). Neste livro reúne-se texto da primeira edição daquele título, de 1978, ao trabalho realizado e aprofundado de há quarenta anos a esta parte. O traço visionário

do poeta vem, segundo Frias Martins, do poder de transformar o mundo em discurso, das margens teóricas da sua poesia tão entranhada de cinema, pintura e teatro. O núcleo constitutivo da voz poética de Herberto Helder é justamente identificado nos dois títulos acima enunciados, mesmo se um deles foi eliminado, a certa altura, do *corpus* textual do autor. Sob o signo de Nietzsche, Herberto é o nome representativo da poesia portuguesa de 1960-1990: dá a chave de compreensão da cultura desse período poético, pela capacidade dupla de incorporar a herança e de instituir uma ordem estética própria. Afinal de contas, protagoniza a modernidade poética, aberta à experimentação e violação de códigos normativos da escrita artística e de tipologia de géneros.

No segundo subconjunto temático dominante de ensaios de 2018, não esqueço a matéria modernista, concentrada em dois nomes órficos proeminentes. Refiro-me aos volumes organizados por Giorgio de Marchis, *Quando eu Morrer Batam Latas. Mário de Sá-Carneiro Cem Anos* (Abysmo) e por Patrícia Soares Martins, Golgona Anghel e Fernando Guerreiro, *Central de Poesia. Fernando Pessoa e o Romantismo* (CLEPUL).

No primeiro título estamos perante dezoito grandes especialistas portugueses e lusitanistas do modernismo, originalmente reunidos num colóquio comemorativo do centenário da morte de Sá-Carneiro, em 2016. A colectânea dá-nos a ver, por vários prismas, o “modo sacarneiriano de ser modernista”: em concreto, o relevo e a grandeza do escritor no confronto com o arquipélago pessoano de que não é mero epígono mas, ao invés, seu mestre. *Central de Poesia* sucede a outros volumes coligidos pelos mesmos organizadores: um sobre a recepção de Pessoa nos anos 1940, de 2014; outro sobre o *Livro do Desassossego*, de 2011. Desta feita é o “inconsciente romântico” de Pessoa e as modalidades românticas do projecto modernista (opções formais e temáticas, desafio e perplexidade éticos) que merecem atenção, denotando uma elasticidade comparatista na compreensão do tempo histórico em literatura, arredia a arrumações estanques e redutoras.

Sob o mesmo princípio se faz o exercício ensaístico de Golgona Anghel, em *A Forma Custa Caro. Exercícios Inconformados* (Documenta). Com um foco diversificado sobre matéria poética e o labor crítico, que sublinha a inactualidade e extemporaneidade da arte, é muito certa a forma como, na linha de Fernando Cabral Martins, Golgona Anghel equaciona a contemporaneidade de Cesariny com Pessoa: defende que a História Literária se faz na relação biunívoca passado-presente e que Pessoa é o fruto de outros que vieram depois.

Com *O Mundo Gay de António Botto* (Documenta), Anna M. Kobucka resgata a memória de um poeta cuja reputação é a de um autor menor, conhecido por ser objecto de atenção e defesa de Fernando Pessoa. Não avança uma nova interpretação sobre a obra de Botto; pretende sublinhar a importância da poética e da estética da sexualidade daquele autor no panorama cultural do primeiro modernismo português. Com base em material depositado na BNP, a ensaísta atribui a Botto a afirmação de uma poesia de inscrição homossexual e a construção do seu protagonismo artístico na relação com o campo cultural e social (menos com o campo político e estatal) dos anos 1920-1940.

Pelo que até agora enunciei, é notória, em 2018, a hegemonia do discurso crítico sobre poesia. É nesse âmbito que insiro o pequeno volume de António Fournier, intitulado *A Noite Submarina. Natureza e Espiritualidade em Albano Martins* (Colibri), publicado no mesmo ano da sua monumental publicação em Itália (e em português) de *A Bulimia do Belo. Para uma Cartografia Literária da Itália no Século XX*. No que ao título sobre Albano Martins diz respeito, a brevidade e precisão do estudo permite dar-nos conta da felicidade perlocutória, do prazer sensorial e erótico desta escrita, da sua experiência laica do sagrado, ao mesmo tempo que sublinha o quanto ela reaviva a memória literária de tradição clássica e oriental e o quanto beneficia do labor da tradução, continuamente praticado pelo poeta estudado.

Termino com duas obras que vão em contramão das tendências dominantes até aqui identificadas, e não apenas por privilegiarem a narrativa como objecto de estudo. Vencedor do Prémio Jacinto do Prado Coelho da APCL, *Resposta a Italo Calvino. Clássicos da Literatura* (Livraria Lello), de Carlos Nogueira, toma como certa a natureza instável e problematizadora do cânone. Nessa medida, alinha, com igual dignidade, clássicos universais da literatura para a infância e juventude e a literatura oral e tradicional estrangeira e portuguesa, de Heidi a Saramago, sem esquecer tópicos desafiantes como os clássicos ou o humor na literatura para crianças e jovens.

Por último, *Um Agora Sempre* (Afrontamento), de Margarida Losa, com organização de Ana Luísa Amaral, Maria de Lurdes Sampaio e Lurdes Gonçalves. Prematuramente falecida em 1999, Margarida Losa é um nome inescapável do comparatismo português que dá nome ao Instituto de Literatura Comparada da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. *Um Agora Sempre* recolhe artigos publicados entre 1973 e 1998 e estabelece um nexos forte com a sua tese de doutoramento, *From Realist Novel to Working-Class Romance. An Introduction to the Study of the Brazilian, Italian and Portuguese New Social Realist Novel 1935-1955* (1997), traduzida para português em 2014. Vários artigos desta obra (na maioria escritos na nossa língua) dão uma compreensão inovadora do novo realismo social, de acordo com uma leitura trans-nacional e trans-histórica e com teoria do *reader-response* que reconhece no leitor um agente activo na interpretação das obras. Identificado um quadro histórico de média duração, aquele movimento literário (em Portugal conhecido como neo-realismo) ganha muito em ser lido e confrontado, nas suas pontes, apropriações e tensões, entre o romantismo e o modernismo, a salvo de leituras compartimentadas e preconceituosas, inclusive de críticos marxistas.